

## O MESSIAS NOS SALMOS (1)

*Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho, para a PIB de Nova Odessa, 3 de julho de 2002*

“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”, disse Jesus aos seus discípulos (Jo 16.12). Jesus não conseguiu colocar tudo o que tinha para ensinar, na cabeça dos discípulos. O Espírito Santo viria completar seu ensino, como ele mesmo declarou: “Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras”. O ensino de Jesus seria completado pelo Espírito. O Messias não conseguiu se fazer entender por completo. As Escrituras, produto final do Espírito Santo, fariam isto. E as Escrituras do Novo Testamento surgiram, em boa parte, como necessidade da comunidade cristã primitiva em entender o Antigo Testamento no que ele dizia sobre o Messias. Como veremos, depois, o livro de Salmos foi bastante explorado neste sentido.

Isto faz sentido. O fenômeno Jesus foi tão desnorteador que os discípulos não conseguiram entender tudo. Criados num rígido monoteísmo, na idéia da unicidade de Deus, os discípulos, de repente, tiveram a informação de que Deus era mais que uma pessoa. Era mais que Espírito. Era matéria, também. A noção de que Deus se fez homem na pessoa de Jesus pode nos parecer mais tranqüila, hoje, mas naquela época foi algo muito difícil de se aceitar. Afinal, no terceiro século do cristianismo ainda havia discussões teológicas para definir doutrinas sobre a pessoa de Jesus. Imaginemos os apóstolos, então.

A comunidade cristã primitiva teve que se explicar e teve que explicar o que acontecera com ela. Nota-se que os primeiros cristãos não estavam querendo sair do judaísmo. Eles se consideravam como judeus e ainda não tinham enxergado o alcance de sua missão e o de sua própria existência. Eles se viam como mais uma das muitas seitas judaicas e tentaram harmonizar sua situação com o judaísmo até o momento narrado em Atos 15. Em Atos 5.17, os saduceus são vistos como uma seita judaica. Em Atos 15.5, os fariseus é que são assim chamados. Em Atos 24.14, o cristianismo é chamado “caminho” e tido como seita judaica. Paulo também o chama assim, em Atos 22.4. O nome se confirma em Atos 28.22, na boca dos judeus que moravam em Roma. O próprio Lucas o chama assim, em Atos 24.22. Eles tiveram que reinterpretar o judaísmo e as Escrituras do Antigo Testamento.

Nesta busca de se explicar e se justificar, a comunidade cristã primitiva se debruçou com seriedade e com a inspiração divina, no estudo do Antigo Testamento. Quando analisamos os sermões de Pedro, no dia de Pentecostes (At 2) e no sínédrio (At 4) vemos que eles estão cheios de alusões ao Antigo Testamento. Chama a atenção o fato de que muitas destas passagens são do livro de Salmos. A comunidade cristã primitiva descobriu que este era o livro mais adequado para se centrar na sua pregação e no exame do fenômeno Jesus. É curioso que textos que nos são tão preciosos, como Isaías 53 não são tão explorados como Salmos. Por quê?

### POR QUE SALMOS?

A resposta é muito simples. O livro de Salmos trata dos anseios humanos. Eles, os salmos, nos falam de sentimentos pessoais de frustração, de dor, de medo, de pedido de vingança. Falam da dependência de Deus, dos sonhos, das orações por justiça, por intervenção divina. Mas também nos falam dos sentimentos coletivos. A nação pede ajuda quando está assolada por crise econômica motivada por seca ou por alguma praga de gafanhotos. Pede ajuda quando experimenta medo diante de um inimigo militarmente mais poderoso. Pede perdão quando experimenta o juízo divino. Espera socorro divino. Projeta sua confiança para um libertador ou um salvador. Tudo isto é material para dar substância a um Messias.

Os Salmos trazem também as expectativas espirituais dos judeus. Sendo poesia, eles eram o melhor veículo para que os fiéis expressassem suas perspectivas espirituais. O anseio pelo Messias não poderia ter melhor espaço que as canções e hinos entoados nos cultos, ao redor das fogueiras no campo, ou nas marchas pelo deserto. Os judeus veneravam suas Escrituras e faziam uso dela não apenas no templo e nas sinagogas, mas em todas as áreas da vida. Como o livro de Salmos é o maior livro do Antigo Testamento, conseqüentemente teria que ser o mais citado pelos

judeus, em seu uso das Escrituras. Aliás, é o livro do Antigo mais citado no Novo Testamento. A incidência do uso de Salmos em profecias acabaria sendo até mesmo uma simples questão matemática. Mas, o fato de serem expressões práticas de fé, os tornaram recomendáveis para subsidiar a figura do Messias.

Há um outro aspecto que deve ser considerado. Muitos dos salmos foram compostos para cânticos nacionais associados com a figura do rei de Jerusalém. Quando da entronização de um novo rei, por exemplo. A rebelião dos reis contra um deles produziu o Salmo 2, que da mesma maneira foi identificado como sendo um salmo messiânico. Era prefigurava o que aconteceria no futuro. É fácil de se entender isto. O rei de Jerusalém era da dinastia de Davi. Todos os reis de Judá eram descendentes de Davi. Por mais desqualificado que fosse qualquer um deles, do ponto de vista espiritual, era um antecessor do Grande Rei, do Novo Davi, do Messias vindouro. Estes cânticos celebrando um momento específico na vida do rei de Jerusalém foram transpostos para a figura do Messias, Jesus Cristo, vendo a comunidade cristã primitiva neles um anúncio de algum aspecto da vida do Salvador. Até mesmo as crises pessoais do rei de Jerusalém acabaram prefigurando crises pessoais do Messias. Isto explica porque o livro de Salmos se tornou a maior base para se elaborar explicações sobre a pessoa de Jesus por parte da comunidade cristã primitiva. Ele antecipou momentos da vida de Jesus.

O próprio Jesus reconheceu que os Salmos falavam dele, como vemos em Lucas 24.25-27, 32, 44-46. Ele entendeu que havia neles um testemunho a seu respeito. Particularmente na conversa com os caminantes de Emaús ele deixou isto bem claro.

### OS SALMOS MESSIÂNICOS

Os salmos mais reconhecidamente messiânicos são: 2, 8, 16, 22, 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 87, 89, 102, 110, 118 (os principais estão sublinhados). Uma análise global deles nos mostra que eles enfatizam três temas messiânicos que são encontrados na teologia do Novo Testamento, em seu aspecto cristológico:

- 1) A humilhação e exaltação do Messias.
- 2) As tristezas presentes e o livramento futuro de Israel.
- 3) As bênçãos futuras de todas as nações através do Messias reinante de Israel.

Estes temas foram bem assimilados na teologia do Novo Testamento, como mencionei anteriormente. Paulo tratou do primeiro em Filipenses 2.9-11, no texto clássico do esvaziamento de Jesus e o recebimento de um nome sobre todo o nome. Paulo não criou esta idéia baseando-se nos Salmos. Jesus havia falado de sua rejeição e de sua morte, mas também de sua ressurreição e segunda vinda. A comunidade cristã primitiva subsidiou as informações de Jesus sobre si mesmo com estas declarações dos Salmos e assim os interpretou. Vemos aqui o que foi dito na primeira palestra: o Novo Testamento interpreta o Antigo e o Antigo subsidia o Novo. Assim, Salmos foi tornado mais claro no Novo Testamento. Ao mesmo tempo, deu base teológica para o Novo Testamento.

As tristezas presentes e o livramento futuro de Israel foram abordados por Paulo em Romanos, do capítulo 9 ao 11. A questão foi descobrir como a comunidade anterior, a da antiga aliança, tema que estudamos na primeira palestra, teria seu espaço dentro do propósito de Deus. Credo que Israel, mais uma vez, rejeitara a seu Senhor, e agora de maneira mais drástica com a morte de Jesus, os cristãos foram se perguntar: “e o futuro de Israel?”. Esta questão lhes era relevante até mesmo porque a maior parte deles se compunha, na época, de pessoas vindas da fé judaica.

As bênçãos para o mundo através do Messias foram a compreensão que a comunidade cristã primitiva teve de que o Messias não era apenas o Salvador dos judeus, mas do mundo inteiro. Não deixa de ser irônico que sendo tão exclusivistas a ponte de comporem uma canção pedindo que seus inimigos tivessem os filhos jogados nas pedras, os judeus tivessem alguns de seus cânticos trazendo bênçãos para seus inimigos. A comunidade cristã primitiva foi orientada pelo Espírito para ler nos Salmos o que Israel não conseguiu ler.

Quais aspectos da vida de Jesus os salmos messiânicos conseguiram contemplar? Alisto, a seguir, alguns deles. Não creio que tenha esgotado a lista, mas estes me parecem os mais notáveis. Vale a pena ver não apenas os tópicos, mas as passagens, e entender seu sentido.

- 1) Jesus é mostrado como sendo o Filho de Deus - Sl 2.7; 45.6-7; 102.25-27.

2) Jesus é mostrado como sendo o Filho do Homem - Sl 8.4-6, etc. Se no tópico anterior sua divindade é realçada, neste, sua humanidade é afirmada.

3) Jesus é mostrado como sendo Filho de Davi - Sl 89.3-4,27,29. Basicamente, todo rei de Jerusalém era filho de Davi. Mas se o davidismo, que já mencionei anteriormente, estava em curso, a aplicação seria bem restritiva, ignorando-se o rei de Jerusalém, e projetando-se para uma figura por vir.

4) Jesus é mostrado como sendo Profeta ou o Arauto que apresenta os irmãos diante do Senhor- Sl 22.22, 25 e 40.9-10. Profeta, aqui, não é o pregoeiro de juízo, mas o arauto, que se chega diante do Rei Eterno e apresenta os irmãos menores, que somos nós.

5) Jesus é mostrado como sendo Rei - Sl 2; Sl 24; etc. O Salmo 24 parece ter sido composto para a entronização da arca em Jerusalém. Isto o tornaria altamente messiânico, pois a arca era um símbolo da presença de Deus com seu povo, como Jesus é a presença divina conosco.

6) Jesus é mostrado como sendo Divino - Sl 45.6-7; 102.25-27, texto que deve ser cotejado com Hebreus 1.8-14. Aliás, o autor de Hebreus vai se valer muito da idéia de Melquisedeque como um tipo de Jesus. Vai se abeberar nos Salmos, mais que em Gênesis.

## CONCLUSÃO

É nos possível verificar porque o livro de Salmos foi um solo fértil para as idéias messiânicas. Sendo um povo que se expressava mais poeticamente do que discursivamente, que usava mais figuras de linguagem que conceitos, que se valia da tipologia (um tipo prefigurava outro), os discípulos interpretaram várias passagens como alusivas a Jesus. Isto não significa que agiram erradamente. Pelo contrário. Agiram certos, inspirados pelo Espírito Santo de Deus. Mas não pensemos em psicografia espírita, em que foram possessos por alguma entidade, ou que receberam uma mensagem num vácuo intelectual e cultural. Eles foram pesquisar em sua religião e em sua cultura o que acontecera. E descobriram aquilo que cremos de todo coração: que o Antigo Testamento em geral, e os Salmos, em particular, dão testemunho de Jesus como o Messias de Deus.

## O MESSIAS NOS SALMOS (2)

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho, para a PIB de Nova Odessa, 3 de julho de 2002

## OS SOFRIMENTOS DO MESSIAS - UMA ANÁLISE NO SALMO 22

No estudo de hoje estaremos nos centrando no Salmo 22, que é chamado de “o salmo da cruz”. Normalmente pensamos apenas nos Profetas como anunciadores da vinda e do ministério do Messias, mas também os salmos testemunham dele com abundância de dados. O próprio Senhor Jesus assim declarou, em Lucas 24.44: “São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. É muito provável que Jesus empregasse a palavra Salmos referindo-se à terceira parte da Bíblia Hebraica, Os Escritos. Mas a passagem em tela ilustra bem a verdade que Jesus se viu nos Salmos. Aliás, uma observação de Agostinho, em um de seus comentários sobre os Salmos mostra isso. Ele se referiu a Jesus como “este admirável cantor dos salmos”<sup>1</sup>.

Poucos textos do Antigo Testamento são tão realistas e detalhistas sobre a morte do messias de Deus, Jesus de Nazaré, como o Salmo 22. O relato é de profundo impacto. Basta dizer que Aage Bentzen, que não é conhecido propriamente por escrever estudos devocionais, mas, sim artigos bem críticos, comentou sobre seu conteúdo: “não é a descrição de uma doença, mas, sim, a de uma *execução*”<sup>2</sup>. Acrescentamos apenas mais uma observação sobre este Salmo, um excerto de nota de rodapé da *Bíblia de Jerusalém* e depois o transcrevemos, nesta versão, que nos parece ter um impacto descritivo mais forte que nas demais. Mantivemos, inclusive, a disposição gráfica da *Bíblia de Jerusalém*, para melhor visualizar o conteúdo. Mas, diz a nota: “ (...) Próximo do poema do Servo sofredor (Is 52.13-53.12) este Salmo, cujo início Cristo pronunciou sobre a cruz e no qual os evangelistas viram descritos diversos episódios da Paixão, é, portanto, messiânico, ao menos em sentido típico”<sup>3</sup>.

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?  
As palavras do meu rugir estão longe de me salvar!  
Meu Deus, eu grito de dia, e não me respondes,  
de noite, e nunca tenho descanso.

E tu és o Santo,  
habitando os louvores de Israel!  
Nossos pais confiaram em ti,  
confiavam e tu os salvavas;  
eles gritavam a ti e escapavam,  
confiavam em ti e nunca se envergonharam.

Quanto a mim, sou verme, não homem,  
riso dos homens e desprezo do povo;  
todos os que me vêm caçoam de mim,  
abrem a boca e meneiam a cabeça:  
‘Voltou-se a Iahweh, que ele o liberte,  
que o salve, se é que o ama!’

Pois és tu quem me tirou do ventre

<sup>1</sup> GOURGUES, M. *Os Salmos e Jesus - Jesus e os Salmos*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 96.

<sup>2</sup> BENTZEN, Aage. *King and Messiah*. Citado por KIDNER, Derek, em *Salmos 1-72 - Introdução e Comentário*. S. Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cris tão, 1980, p. 123. Conforme Kidner, o itálico é de Bentzen.

<sup>3</sup> Trecho da nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, em comentário sobre o Salmo 22.

e me confiou aos peitos de minha mãe;  
 eu fui lançado a ti ao sair das entranhas,  
 tu és o meu Deus desde o ventre materno.  
 Não fiques longe de mim, pois a angústia está perto  
 e não há quem me socorra.

Cercam-me touros numerosos,  
 touros fortes de Basã me rodeiam;  
 escancaram sua boca contra mim,  
 como leão que dilacera e ruga.

Eu me derramo como água  
 e meus ossos todos se desconjuntam;  
 meu coração está como a cera,  
 derretendo-se dentro de mim;  
 seco está meu paladar, como um caco,  
 e minha língua colada ao maxilar;  
 tu me colocas na poeira da morte.

Cercam-me cães numerosos,  
 um bando de malfeitores me envolve,  
 como para retalhar minhas mãos e meus pés.  
 Posso contar meus ossos todos,  
 as pessoas me olham e me vêem;  
 repartem entre si as minhas vestes,  
 e sobre a minha túnica tiram sorte.

Tu, porém, Iahweh, não fiques longe!  
 Força minha, vem socorrer-me depressa!  
 Salva minha vida da espada,  
 meu único ser da pata do cão!  
 Salva-me da goela do leão, dos chifres do búfalo  
 minha pobre vida!

Vou anunciar teu nome aos meus irmãos,  
 louvar-te no meio da assembléia:  
 ‘Vós que temeis a Iahweh, louvai-o!  
 Glorificai-o, descendência toda de Jacó!  
 Temei-o, descendência toda de Israel!’

Sim, pois ele não desprezou,  
 não desdenhou a pobreza do pobre,  
 nem lhe ocultou a sua face,  
 mas ouviu-o, quando a ele gritou.

De ti vem meu louvor na grande assembléia,  
 cumprirei meus votos frente àqueles que o temem.  
 Os pobres comerão e ficarão saciados,  
 louvarão a Iahweh aqueles que o buscam:  
 ‘Que o vosso coração viva para sempre!’

Todos os confins da terra se lembrarão e voltarão a Iahweh;  
 todas as famílias das nações diante dele se prostrarão.  
 Pois a Iahweh pertence a realeza: ele governa as nações.  
 Sim, só diante dele todos os poderosos da terra se prostrarão,  
 perante ele se curvarão todos os que descem ao pó;

e por quem não vive mais, sua descendência o servirá  
e anunciará ao Senhor a geração que virá,  
contando a sua justiça ao povo que vai nascer:  
ele a realizou!”

Foi aqui que Jesus veio buscar sua quarta palavra pronunciada na cruz e que é apresentada em Mateus 27.46: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Das sete palavras pronunciadas pelo Salvador, na cruz, esta é, sem dúvida, a mais sofrida. O sofrimento da cruz não foi acidental. Jesus se apropria de um escrito de quase um milênio antes de seu nascimento e cujo cumprimento, mais do que em qualquer outro, cabe muito bem nele. Valhamos as palavras do pregador puritano Arthur Pink, em um sermão em Mateus 27.46:

A palavra “desamparado” é uma das mais trágicas do discurso humano. O escritor (parece-me ser ele, nota minha) não esquecerá facilmente sua sensação de ter passado por uma cidade deserta de todos os seus habitantes - uma cidade abandonada. Quantas calamidades cabem nesta palavra - um homem abandonado por seus amigos, uma mulher abandonada por seu marido, uma criança abandonada por seus pais! Mas uma criatura abandonada pelo seu Criador, um homem desamparado por seu Deus - ó, isto é o mais trágico de tudo <sup>4</sup>

Jesus proferiu o Salmo 22.1 em sua língua natal, o aramaico. Foi aqui que ele manifestou o maior de todos os seus sofrimentos: o Pai o abandonara. Ele, que antes dissera “eu estou no Pai, o Pai está em mim” (Jo 14.10), agora se vê desamparado pelo Pai. Aqui se pode ver o cumprimento de Gálatas 3.13, segundo o qual ele nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição em nosso lugar. O receituário da teologia da prosperidade se embasa muito aqui. Mas deve-se ser criterioso na interpretação bíblica. Não se diz que ele carregou a maldição da pobreza ou a maldição a enfermidade ( e é discutível se pobreza e enfermidade são maldições), mas que ele carregou a maldição da lei. No discurso da teologia da prosperidade, Deus existe para nossa conveniência. A experiência do Salvador, aqui, nos mostra que o homem existe para que o propósito divino se cumpra nele. Não se pode olhar pelo lado invertido do binóculo.

O fato é que o sofrimento de Jesus é muito bem descrito aqui. O sofrimento físico, infligido ao seu corpo, é muito bem demonstrado nos versículos 14-16. “Os meus ossos todos se desconjuntam” mostram o efeito da crucificação e seu poder de desconjuntar o corpo humano. “Meu coração está como a cera” é uma perfeita descrição de como o coração se sobrecarregava com a crucificação. Todo o corpo pendia dos braços, a respiração se tornava difícil e o trabalho de bombear o sangue, com escassez de oxigênio, se tornava um esforço enorme. Um artigo escrito por um pastor, médico, analisando a crucificação, põe esta situação em termos mais científicos:

Sofreu durante horas a fio a dor sem limites, ciclos de retorcimento, câibras que desconjuntavam seus ossos, asfixia parcial e intermitente e dor ardente quando os tecidos eram arrancados de suas costas dilaceradas ao mover-se de baixo para cima contra o madeiro áspero da cruz. Então veio outra agonia: a dor profunda e esmagadora no peito quando o pericárdio, a membrana que envolve o coração, começou a encher-se de soro e pressionava o coração. A profecia no Salmo 22.14 estava sendo cumprida: “Derramei-me como água, e todos os meus ossos se

<sup>4</sup> PINK, Arthur. *The Seven Sayings of the Saviour on the Cross*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House. 1958, p. 65.

desconjuntaram;<sup>5</sup> meu coração fez-se como cera, derreteu-se-me dentro de mim”

“Seco está o meu paladar, como um caco, e minha língua colada ao maxilar” (v. 15) é uma perfeita descrição da sede, produto da febre. É neste momento que ele expressa sua sede: “Tenho sede” (Jo 19.28). É neste momento que lhe dão vinagre (Jo 19.29), cumprindo-se, então, outro salmo messiânico e também de sofrimento, o 69, em seu versículo 21: “Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre”.

Ainda no contexto da dor física, o versículo 17 (na *Bíblia de Jerusalém*, mas 16 na *Versão Revisada*) traz um problema de tradução. Diz ele: “um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar minhas mãos e meus pés”. O problema é com o verbo traduzido por “retalhar” (*Bíblia de Jerusalém*) ou “traspassaram” (na *Versão Revisada* - “traspassaram-me as mãos e os pés”). Citamos a *Bíblia de Jerusalém*, em rodapé, porque o Texto Massorético está incompleto e traz uma nota de rodapé declarando como a *New International Version* lê: *karû*. Eis o texto na *Bíblia de Jerusalém*.

“como para retalhar”: *ke'erô* (do verbo *'arah*), conj.; “como um leão”: *ka'ari*; hebraico, ininteligível; grego: “eles cavaram”; siríaca: “eles feriram”; Vulgata: “eles furaram”. A passagem recorda Isaías 53.5, mas os evangelistas não a utilizaram no relato da Paixão.<sup>6</sup>

Além do sofrimento físico, houve o sofrimento moral. Pode parecer estranho, mas creio que este dói muito mais que o físico. É sabido que feridas emocionais e morais custam a cicatrizar muito mais lentamente que as físicas. Os versículos 12-13 (“Muitos touros me cercam; fortes touros de Basã me rodeiam. Abrem contra mim a sua boca, como um leão que despedaça e que ruge”) mostram algo deste sofrimento. Havia ódio, um profundo ódio. Que se nota, novamente, no versículo 16: “pois cães me rodeiam; um ajuntamento de malfeitores me cerca”. Parece haver na multidão uma atitude de ironia, de deboche ou desejo sádico de ver a morte de alguém: “eles me olham e ficam a mirar-me” (v. 18).

Os seus despojos são repartidos, numa profunda prova de desprezo. Ainda não está morto, mas é tratado como se fosse, com sua túnica sendo sorteada: “repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançam sortes” (v. 19). Este texto é cumprido em Lucas 23.34. Os despojos de um criminoso eram o pagamento dos seus executores. Algo parecido com o que fazem os chineses, hoje: quando alguém é executado à bala, a conta da bala é encaminhada à família. A lei foi cumprida, mas a pessoa é tão inútil e danosa ao Estado que sua execução é cobrada.

Esta zombaria é muito bem mostrada nos versículos 6 a 8: “quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo; todos os que me vêem caçoam de mim, abrem a boca e meneiam a cabeça: ‘Voltou-se a Iahweh, que ele o liberte, que o salve, se é que o ama!’” (*Bíblia de Jerusalém*). É o sarcasmo dos circunstantes ao pé da cruz, como se vê no relato dos evangelistas.

Há dois outros aspectos que são altamente relevantes, do ponto de vista profético e teológico, no corpo do Salmo 22. Do versículo 19 ao 22 vem o livramento e do 27 ao 31, a declaração de sua vitória. Mas sem deixar de ter estas idéias como fundamentais à nossa fé,

<sup>5</sup> Artigo “A crucificação: uma descrição médica”, publicada no jornal *Palavra da Fé*, ano II, no. 4, março/abril de 1984, página 5. Não possuo mais dados do jornal, pois o que tenho é um recorte contendo o artigo usado.

<sup>6</sup> É o que traz o rodapé da *Bíblia de Jerusalém*, em comentário *in loco*, mostrando as variantes do texto. O hebraico não faz sentido e nem mesmo qualquer tradução pode ser entendida facilmente. A idéia é de mãos sendo rasgadas, possibilitando entender a crucificação. Isto torna o relato fantástico, posto que os hebreus desconheciam a morte por cruz. Os romanos a copiaram dos cartagineses e a disseminaram. Mas na época do Salmo 22, um milênio antes de Jesus, sua declaração foge ao limite da compreensão natural. Mais aspectos desta questão crítica aparecem em Kidner (op. cit.), p. 126 e em DELITZSCH, Franz, *Biblical Commentary on the Psalms*, vol. 1, ps. 317-320.

importa que ressaltemos o testemunho profético do salmo messiânico, relatando o sofrimento necessário do messias. E algo importante: *seu livramento e sua exaltação sucedem por causa do seu sofrimento*. Ou seja, o sofrimento do messias está presente nos planos do Senhor. Voltamos a este ponto: sofrer não significa falta de fé e não indica ausência de confiança em Deus. O sofrimento faz parte do plano de Deus e está na raiz da redenção da Igreja. E, mais uma vez, precisamos retornar a uma declaração do Senhor Jesus: “não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, guardarão também a vossa” (Jo 15.20). Não se pode pensar numa vida cristã sem sofrimentos, quando se reconhece que eles estão presentes na vida do próprio Salvador. E de tal maneira decididos que foram profetizados um milênio antes. O sofrimento de Jesus, o messias dos salmos, não foi acidental. Foi planejado e por isso profetizado. Pode o discípulo pretender não sofrer? Pode-se ver o sofrimento como estando fora do propósito divino? Temos direito de presumir uma vida de vitória.

UM RESUMO - Torna-se difícil fazer um resumo das observações do Salmo 22 pela vastidão da matéria. Mas pode-se sintetizar seu conteúdo nos seguintes termos: o caminho escolhido pelo messias é o do sofrimento. Não nos parece racional, a nós, no século XX, produtos da cultura ocidental e filhos intelectuais dos gregos que somos. Mas o caminho não é difícil de entender, à luz da cultura oriental: o pecado trouxe o sofrimento. Mas é o sofrimento que traz a redenção. Um homem carrega o mais intenso sofrimento para carregar o pecado da humanidade, para levá-la e reconduzi-la a Deus, na trilha que seguia ela antes do pecado. Sofrimento não é, necessariamente, indício de abandono da parte de Deus nem falta de fé. Pode ser a pedagogia divina para que seus planos obtenham consecução. Pensar nisso se torna necessário, tamanha a ênfase no sofrimento do Messias como mostra o Salmo 22.

## O MESSIAS NOS SALMOS (3)

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho, para a PIB de Nova Odessa, 3 de julho de 2002

### OS SOFRIMENTOS DO MESSIAS - UMA ANÁLISE DO SALMO 69

Do Salmo 22 passemos ao 69. Diferentemente do anterior, não o transcreveremos na íntegra, mas alguns trechos mais alusivos ao nosso assunto. Isto devido à sua extensão e também porque alguns de seus aspectos são mais amplos que nosso contexto.

Vamos nos deter apenas nos versículos 3, 7-9, 12 e 19-21. A versão aqui empregada é a *Revisada*, da Imprensa Bíblica Brasileira.

Estou cansado de clamar; secou-se-me a garganta; os meus olhos desfalecem de esperar pelo meu Deus....

Porque por amor de ti tenho suportado afrontas; a confusão cobriu-me o rosto. Tornei-me como um estranho para os meus irmãos, e um desconhecido para os filhos de minha mãe. Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim...

Aqueles que se sentam à porta falam de mim; e sou objeto das cantigas dos bêbedos....

Tu conheces o meu opróbrio, a minha vergonha, e a minha ignomínia; diante de ti estão todos os meus adversários. Afrontas quebraram-me o meu coração, e estou debilitado. Esperei por alguém que tivesse compaixão, mas não houve nenhum; e por consoladores, mas não os achei. Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre...

Vejam um pouco do contexto deste salmo. Dois comentaristas bíblicos nos ajudarão a entender do que se trata. O primeiro deles é Kidner:

“Este salmo revela um homem vulnerável: é alguém que não podia dar somenos importância à calúnia, à traição ou auto-acusação (v. 5); somente uma pessoa endurecida ou ensimesmada, e cujo senso de justiça tinha sido embotado, poderia fazer assim. Tanto suas orações como suas maldições brotaram desta sensibilidade pessoal e moral, e o Novo Testamento vê a prefiguração de Cristo no zelo que o cantor demonstra para com a casa de Deus, e nos seus sofrimentos. Mesmo assim, a própria justaposição entre Davi, que amaldiçoava seus perseguidores, e Jesus, que orava em prol dos Seus (sic), ressalta a grande diferença entre o tipo e o antítipo, e realmente, entre as atitudes que se aceitavam entre os santos do Antigo Testamento e os do Novo”.<sup>7</sup>

Para ampliar nossa visão do contexto, vejamos o segundo comentarista. É Weiser. Assim nos diz ele:

“Depois do Salmo 22, o Salmo 69 é o mais citado no Novo Testamento, sendo interpretado messianicamente com referência a Cristo. Ainda que originalmente as afirmações em particular não se tenham entendido como profecias sobre Cristo, este

<sup>7</sup> KIDNER, Derek. *Salmos 1-72*. S. Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980. p. 267.

emocionante testemunho de paixão humana porta traços tão típicos do sofrimento, que a relação para com aquele que carregou toda a paixão do mundo impõe-se por si mesma a uma consideração séria”.<sup>8</sup>

A consideração séria de que fala Weiser, se procurará fazer, a seguir. Quanto à afirmação de Kidner sobre a diferença entre o tipo e o antítipo, de que Davi amaldiçoava seus perseguidores e Jesus orava, intercessoriamente, pelos seus, dois motivos justificam o contraste. O primeiro é que o Salmo 69 é um salmo de imprecação. Uma característica deste tipo de salmo é a maldição exatamente como teste pragmático. O homem errado, ímpio, ou seja qual for o adjetivo que a ele se aplique, deve ser castigado. O teste pragmático consistia nisto: o justo deve ser abençoado e o ímpio deve ser amaldiçoado. É esta a linguagem do Salmo 1º, por exemplo. Muito mais que extravasar ódio, a imprecação mostrava a necessidade do ímpio ser punido. Escapando de qualquer punição, ele burlava a moralidade do mundo de Deus e, por que não dizer, do próprio Deus? A imprecação era necessária, no esquema de pensamento hebreu, para haver moralidade no mundo. O segundo motivo é que o conceito de perdão alcança seu clímax e sua expressão máxima no Novo Testamento e, especificamente, na pessoa de Jesus Cristo, o messias de Deus. Não está plenamente desenvolvida no Antigo Testamento. Cabe aqui uma observação: parece que muitas vezes a pregação da teologia da prosperidade insiste num teste pragmático, como no Antigo Testamento. Os bons devem prosperar e os maus (os de fora da Igreja) devem se dar mal na vida. O ensino neotestamentário não permite a imprecação. A maldição pragmática inexistente no evangelho. Jesus manda orar pelos inimigos (Mt 5.44) e mostra que, diferentemente do Antigo Testamento, onde Deus declara fazer distinção entre os filhos de Israel e os egípcios (Êx 11.7), Jesus ensina que “ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos”(Mt 5.45).

Mas a questão permanece e deve ser afirmada: *o sofrimento faz parte dos propósitos divinos. Não são uma excrescência ao seu plano. Não se pode eliminar o sofrimento enquanto o homem estiver na terra. O messias sofreu e seu sofrimento foi vicário, mas pedagógico e também padrão.*

O versículo 3, o primeiro bloco transcrito, mostra a sede como efeito da febre, produto do sofrimento causado pela cruz. Comentado anteriormente, quando da observação do Salmo 22, pode ser posto de lado sem mais exegeses. Mostra-nos que o sofrimento físico do messias de Deus foi real e angustiante. A dor cruel está na vida do fundador do cristianismo e ensinador do evangelho de Deus.

O segundo bloco de versículos vai do 7 ao 9. Trata de algo que pode ser entendido como mais doloroso e angustiante que o sofrimento físico, como já dito, o sofrimento moral. No versículo 7, ele suportou “afrontas” e está sendo “confuso”, no sentido de estar sendo envergonhado, confundido. Ele aceita sofrer na alma, na psiquê, na sua interioridade. O ensino bíblico é que o sofrimento faz parte da vida, e isso não apenas com o sofrimento físico, do corpo, mas também o sofrimento psíquico. Corpo e psiquê sofrem. Não há redoma de vidro para proteger os fiéis, imunizando-os contra qualquer tipo de sofrimento. O futuro messias sofrerá no corpo e no espírito. Até mesmo sua família o rejeitará, criando-lhe uma situação constrangedora: a de não ter apoio doméstico. Quando o mundo se volta contra uma pessoa, mas tem ela o apoio do seu lar, é possível para ela encontrar forças para lutar e vencer. Mas quando, dentro da própria casa, ela encontra uma hostilidade tão grande como a da rua, a situação se torna desesperadora. E é esta a situação de muito crente no Senhor Jesus, que enfrenta as contrariedades da vida pela sua fé, que sofre o assédio do pecado, e, muitas vezes exatamente por causa de sua fé, encontra oposição dentro de sua própria casa. A situação de muitos cristãos não é tão rósea como se pinta. Mas esta condição foi antecipada pelo messias. Ele enfrentou a oposição de toda a elite dirigente de seu país e, em casa, mais oposição, a ponto de seus irmãos presumirem que ele estava louco e desejaram prendê-lo (Mc 3.21). Muitas vezes a oposição da família se abate sobre uma pessoa justamente porque ela se comprometeu com o evangelho. O

<sup>8</sup> WEISER, Arthur. *Os Salmos*. S. Paulo: Paulinas, 1994, p. 370.

evangelho não traz toda tranqüilidade do mundo para alguém. Pode desencadear perseguições e hostilidades.

De passagem, uma curiosidade: o versículo 8 é a única declaração da Bíblia que permite entender que Maria teve filhos seus, de seu ventre, e não de um casamento anterior de José: “um estranho para os meus irmãos, um desconhecido para os filhos de minha mãe”. O autor deste trabalho pode ilustrar isso em sua família. Seu pai casou-se duas vezes. Com sua mãe e, depois do falecimento desta, com sua madrasta. Tem ele uma irmã, filha de sua mãe, e quatro meio-irmãos, filhos de sua madrasta. Pode dizer “meus irmãos” referindo-se aos filhos de sua madrasta. São seus irmãos, filhos do seu pai. Mas, filha da sua mãe, há apenas uma. Pois bem, o poeta-profeta tornou-se um estranho para os filhos de sua mãe, não de seu pai. Sua mãe teve filhos e não apenas os “herdou” em casamento com um viúvo.

Passada a curiosidade, voltemos ao texto em si. O versículo 9 diz “pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que afrontam caíram sobre mim”. É oportuno voltar a considerar o comentarista Kidner, neste contexto. Diz ele:

“O fato de que ambas as metades do versículo 9 haveriam de se cumprir em Cristo (Jo 2.17; Rm 15.3), coloca o assunto num contexto tão novo que o leitor tem dificuldades em sentir como Davi se achava desorientado, além da dor que sentia. A ‘fraqueza de Deus’ agora faz sentido, pois é redentora; e ‘sofrer afrontas por esse Nome’ (At 5.41) é, apesar do seu alto custo, um elogio”.

A teologia da prosperidade, ao ensinar a saúde perfeita e constante, tendo que lidar com os sofrimentos do Salvador, declara que ele carregou as nossas enfermidades para que não mais as tivéssemos. Ele foi o nosso substituto no sofrimento. Mas a citação de Kidner é oportuna, principalmente ao lembrar o texto de Atos 5.41. A identificação do cristão com o seu Senhor e Salvador no sofrimento pela fidelidade, por exemplo, é sinal de prestígio, de qualidade espiritual, e não um demérito. É a honra da identificação. O Fiel por excelência sofreu sem pecado. Os fiéis não devem pensar que não sofrerão. Pelo contrário, uma prova de sua fidelidade é exatamente o sofrimento. “E na verdade, todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2Tm 3.12). Não somos chamados para nos identificarmos com o Salvador na sua glória, porque não a temos, porque ainda não entramos nela. Mas somos chamados a nos identificar com ele no sofrimento. Diz bem 1Pedro 4.13: “mas regozijai-vos por serdes participantes das aflições de Cristo; para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e exultéis”. O sofrimento por amor a Cristo é medalha no peito de um combatente espiritual. Sobre esta questão voltaremos a falar mais à frente, quando apresentarmos a visão da teologia da prosperidade sobre enfermidades, de forma mais específica.

Os versículos 19-21 receberam de Kidner o título de “A taça do sofrimento”. O versículo 19 traz três substantivos que mostram a dor moral do messias por vir: opróbrio, vergonha e ignomínia. Vale a pena, mais uma vez, citar o aludido comentarista aqui: “Na sociedade de relacionamentos estreitos do Antigo Testamento, a vergonha pública era ainda mais devastadora do que na nossa”<sup>10</sup>.

Pois bem, essa vergonha pública, já antecipada no Salmo 22 (versículos 6-8, principalmente), e ratificada aqui, se cumpriu muito bem na vida de Jesus, como mostram Mateus 27.39-44. Mas as expressões “fel” e “vinagre” encontradas no Salmo 69.21, são, na *Septuaginta*, as mesmas encontradas no Novo Testamento. A descrição do escárnio, feita no Salmo 69, lembra muito de perto a zombaria da cruz: “Afrontas quebraram-me o coração, e estou debilitado. Esperei por alguém que tivesse compaixão, mas não houve nenhum; e por consoladores, mas não os achei”. A zombaria da cruz mostra outra faceta do sofrimento, a moral. Não é muito diferente da zombaria que enfrenta um estudante universitário, por exemplo, no Brasil. É muito parecido com a hostilidade que este autor viu os crentes cubanos sofrerem

<sup>9</sup> KIDNER, op. cit., p. 268

<sup>10</sup> KIDNER, op. cit., p. 269

nas mãos da elite dirigente do país, toda ela membro do Partido Comunista. A depreciação, a falta de oportunidades, a situação de estar sempre como culpado antes de poder provar sua inocência (e por vezes, mesmo provando sua inocência), toda uma situação de exposição ao ridículo e tratamento como um ser inferior. A vergonha do ridículo e o enfrentamento de zombaria são constantes em situações assim. O messias sofrerá no corpo, mas, mais ainda, será objeto de zombaria e escárnio.

UM RESUMO - Não tão extenso nem tão rico como o Salmo 22, o Salmo 69 nos mostra mais alguns aspectos do sofrimento do messias. O sofrimento físico foi acompanhado do moral e a estes dois se juntou algo mais pungente: a dor da rejeição da própria família. Dissabores estão alistados na vida do servo e do messias. E também fazem parte do contexto da fé cristã. São, na realidade, a terra fértil de onde brotará o cristianismo. Este não ensina como se livrar do sofrimento, e nem mesmo acena com uma vida de triunfos constantes, sem jamais conhecer algum dissabor. Mas sim como saber viver no sofrimento. Um cristão não é aquele que não sofre. É aquele que sabe como enfrentar o sofrimento.